



TRANSFORMAÇÃO HUMANA NA EXPERIÊNCIA MÍSTICA: CONVERGÊNCIAS EPISTÊMICAS E ONTOLÓGICAS INDÍGENAS E OCIDENTAIS

  10.56238/costurandosaberes-007

Ricardo Valim

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Professor de filosofia Tecnologias do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia

RESUMO

Através de uma pesquisa de cunho teórico, o presente artigo teve por objetivo esclarecer o que é de fato o fenômeno da conversão religiosa e as suas implicações na vida das pessoas. A presente pesquisa procurou ainda de modo claro e objetivo justamente traduzir em palavras acadêmicas não-teológicas essa realidade religiosa da conversão, tão ampla, complexa, mas ao mesmo tempo tão bela e sutil que está presente na sociedade e nas culturas indígenas desde tempos imemoriais. Aliás, ficou claro que de fato este fenômeno pode afetar de forma incisiva a vida de toda e qualquer pessoa que se disponha a trilhar caminhos nunca antes percorridos de sua existência espiritual.

Palavras-chave: Religião, Fenômeno, Conversão, Indígenas.

1 INTRODUÇÃO

Não sabemos nem onde ou quando surge precisamente a religião, ou quando o homem teve a sua primeira experiência religiosa, mas ainda assim o fenômeno da religião permanece um fato concreto. É inegável também a força que tal fenômeno exerce sobre qualquer ser humano e por ter esta característica de estar presente na vida dos seres humanos é que lhe é conferida o atributo de ser integrante e presente a todo e qualquer pessoa. Esta realidade toda e qualquer criatura independentemente de sua etnia, grupo social ou cultural está sujeita. No entanto, dentro deste quadro aparentemente complexo da religião algo chama a atenção, o fenômeno da conversão. Este fenômeno é detentor da capacidade de uma mudança de plano subjetiva, visto que, ocorre em todas as pessoas, porém com diferenças substanciais, ou ainda se preferir é uma mudança que acontece em todas as pessoas, mas não de igual modo. Muito embora, o termo conversão esteja diretamente associado ao conceito judaico-cristão presente nos textos sagrados, essa abertura para o transcendente pode ser facilmente identificada em toda e qualquer cultura e religião existente mundo afora. Não é algo, portanto, único e exclusivamente presente no judaísmo e no cristianismo.

O ser humano, ao receber a “graça da conversão” passa a sentir novos ares religiosos e conseqüentemente passa a viver debaixo daqueles novos preceitos doutrinários – que em alguns casos são radicalmente distintos dos de origem – e ganha uma nova consciência. Deste modo, aquele que

se sujeita a tal processo, encontra respostas para as suas indagações mais profundas e pertinentes que outrora não lhe faziam sentido algum. De forma mais íntima o ser humano se sente mais unificado a algo que transcende profundamente sua realidade. Vemos isso nas culturas dos povos originários indígenas brasileiros contemporâneos. Para estas pessoas suas conexões com o sagrado estão disponíveis em todas as partes deste cosmos circundante. A realidade imanente toda passa a ser para estes povos uma realidade sagrada.

Através de uma pesquisa de natureza metodológica teórica e multidisciplinar que conta com autores como o Historiador das Religiões Mircea Eliade (1999), o Sociólogo Polonês Zygmunt Bauman (1998), o criador da Logoterapia Viktor E. Frankl (2013) e também com autores indígenas brasileiros contemporâneos como Ailton Krenak (2018); Daniel Munduruku (2016); Davi Kopenawa (2015); Kaká Werá Jecupé (2017). A presente pesquisa procura de modo claro e objetivo justamente traduzir em palavras acadêmicas não-teológicas essa realidade religiosa (conversão) tão ampla, complexa, mas ao mesmo tempo tão bela e sutil que está presente na sociedade desde tempos imemoriais até a atual conjuntura social.

Em um primeiro momento nesta pesquisa procura-se entender a mais tenra relação constituída entre o ser humano e o que este julga ser sagrado. Melhor dizendo, os primeiros sinais que evidenciam o surgimento da religiosidade. Na segunda parte do artigo se torna necessário entender como tal relação está presente na atualidade. O que é uma simples e breve forma de entender como se situa o ser humano perante a religião nos moldes atuais. E por fim, mas não menos importante, tenho a pretensão de esboçar de forma clara e objetiva o que se entende pelo que se convencionou a chamar de fenômeno da conversão. E principalmente entender quais foram os impactos que tal virada de pensamento proporcionou a homens como Paulo de Tarso, por exemplo.

O interesse por tal pesquisa surge em primeiro lugar de uma necessidade pessoal de dar respostas a questionamentos sobre algo que faz parte do cotidiano de cada ser humano e que por muitas vezes passa despercebido mesmo aos olhos mais atentos. Outro motivo que levou a origem de tal pesquisa é a busca por esclarecimento dessa realidade a toda e qualquer pessoa que por ventura se interesse pela temática. Aliás, a busca por esclarecimento é o grande objetivo pretendido neste estudo como forma de auxílio intelectual fora dos ditames tradicionais para toda a sociedade.

Vale mencionar ainda que esta pesquisa é resultado dos primeiros estudos realizados em minha pesquisa sobre filosofia indígena com o tema “Ontologia e Ética no Pensamento Indígena Brasileiro: Análise das Ontologias Tupi-Guarani e Yanomami” no Mestrado Acadêmico em Filosofia, na Linha de Pesquisa em Ética e Filosofia Política Contemporânea da Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR e devidamente institucionalizado junto ao Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (DEPESP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia de Rondônia - IFRO *Campus* Porto Velho Calama - conforme a homologação 4 do Edital N° 02/2022/PVCAL - CGAB/IFRO, de 12 de Janeiro de 2022 - edital este de seleção, sem concessão de recursos financeiros e bolsas, destinado à institucionalização de projetos de pesquisa de demanda espontânea, de mestrado, doutorado e projetos aprovados em editais externos com recurso de agências de fomento.

2 O HOMEM E SUA NATUREZA RELIGIOSA

Na história da humanidade a religiosidade sempre foi um fator que esteve muito presente. Pela religião, homens mataram e morreram, cidades foram erguidas em locais improváveis, governos se fortaleceram e foram destruídos. Nas Américas vemos a presença de diversos povos conhecidos como “sociedades Pré-Colombianas e Meso Américas. Estas civilizações fizeram seus monumentos em honra de seus deuses e os cultuam durante longos períodos de tempo. E pensar que tudo isso começou, ou pelo menos é identificado hoje, com os primeiros sepultamentos encontrados na Europa.

De fato, a religiosidade é algo essencial do ser humano, o medo do desconhecido e a necessidade de dar sentido ao mundo que o cerca fizeram com que o ser humano se identificasse com a religião e suas mitologias. Se assim não fosse não haveriam tantos templos construídos e dedicados a tantas divindades, tantos monumentos e locais considerados sagrados por todo o mundo.

Desde os já mencionados primeiros sepultamentos, muitas expressões religiosas surgiram e desapareceram, outras tantas se mesclaram ou simplesmente adaptaram suas concepções de mundo há algo mais atual o que permitiu uma maior permanência de tempo. Mas todas as expressões têm em comum a capacidade de elevar o ser humano a algo que transcende puramente sua realidade ordinária. O ser humano já não mais está só no universo que o rodeia e as coisas tomam novo sentido. E isso vemos especialmente nas culturas indígenas originárias brasileiras onde a presença deste sagrado falante ao ser humano é constante e presente.

O mundo não é mais puramente só o mundo enquanto tal, mas agora é repleto de sentido. Pois seus problemas existenciais começam ao se deparar com a sua limitação temporal, o fim de sua existência, sendo a morte, uma das maiores certezas humanas, e na busca do transcendente, na explicação de sua finitude a religião, traz o sentido para o além da morte, sendo a religião a ponte entre a vida e a morte.

O estudioso da história das religiões Mircea Eliade (1992) entende, por exemplo, que para o ser humano religioso uma pedra não é somente uma pedra, mas é algo sagrado, é algo profundo que perpassa essa realidade perceptível aos sentidos. Segundo Eliade (1992, p. 19), “[...] o ‘mundo’ todo é, para o homem religioso, um ‘mundo sagrado’”. Uma árvore, uma pedra, um animal não é somente

o que os olhos são capazes de detectar em primeiro momento, mas sim são seres sagrados, divindades, que protegem as pessoas piedosas a estas formas de culto. Estes seres além da proteção podem também garantir a fertilidade dos territórios tribais, cumulando seus habitantes com toda sorte de bênçãos espirituais que trazem consigo boas caçadas, colheitas, chuvas etc.

Mas neste contexto não é somente estes seres espirituais que protegem os seres humanos. Os seres humanos em contrapartida também oferecem sua devoção e proteção a estes seres sagrados. E isso fica quando se ouve em primeira mão a sabedoria ancestral de um povo:

Nós, xamãs, dizemos apenas que protegemos a natureza por inteiro. Defendemos suas árvores, seus morros, suas montanhas e seus rios; seus peixes, animais, espíritos xapiri e habitantes humanos. Defendemos inclusive, para além dela, a terra dos brancos e todos os que nela vivem. Essas são as palavras de nossos espíritos e as nossas. Os xapiri são os verdadeiros defensores da floresta e eles nos dão sua sabedoria. Fazendo-os descer e dançar, nossos antigos sempre protegeram a natureza inteira. E nós, que somos seus filhos e netos, não queremos viver num resto de floresta. Os brancos já desmataram quase toda a sua terra. Mantiveram apenas alguns retalhos de sua floresta e puseram cercas em volta deles. Acho que agora pretendem fazer o mesmo com a nossa. Isso nos entristece e nos deixa muito preocupados. Não queremos que nossa floresta seja destruída e que os brancos acabem cedendo apenas pequenos pedaços dispersos do que irá sobrar de nossa própria terra! Nessas sobras de floresta doente com rios lamacentos, logo não vai haver caça nem peixes, nem vento nem frescor. Todo o valor de fertilidade da floresta terá ido embora. Os xapiri não querem nos ver vivendo em cacos de floresta, e sim numa grande floresta inteira. Não quero que os meus morem num resto de floresta, nem que nos tornemos restos de seres humanos. (KOPENAWA, 2015, p. 484-485).

É tocante perceber através das palavras de Davi Kopenawa que o desejo de seus seres espirituais é que a humanidade viva não de sobras, farelos, migalhas, mas que possa gozar plenamente da natureza criada por seus deuses antigos. Neste sentido, não há dúvidas de que existe também uma alteração de conduta perante esta sacralização do mundo. É de se pensar que a própria sacralização do mundo leva os indivíduos a desenvolverem todo um sistema ético e moral, que inevitavelmente faz com que a consciência humana se torne mais sensível e suscetível ao zelo para com a natureza que está presente ao seu redor. O ser humano sendo ele religioso pode ao mesmo tempo ver e sentir o mundo totalmente diferente de uma pessoa que não possui uma crença em uma forma de religiosidade, ou melhor, dizendo, que se diz se autodenomina não religiosa.

As mitologias foram sempre uma força fecunda para o início das religiões primitivas. A mitologia permanece até hoje entendida como o primeiro sinal de que o ser humano tenta buscar respostas para explicar e dar sentido a tantas manifestações que se apresentavam na sua realidade. Dar um sentido à existência dos seres e da própria existência também faz parte do ser humano. A todo instante procuramos razões para banalidades, mas também para questões fundamentais sobre diversos temas.

E de fato, com o surgimento das mitologias, houve este renascimento da história humana primitiva onde os seres humanos puderam de forma efetiva e ativa dar sentido às coisas e ao mundo que os rodeiam. Num esforço de busca pela verdade, pela primeira vez a humanidade pode tornar este mundo, e o universo ao seu redor mais familiar.

O mundo sem sentido torna-se um lugar que assombra as pessoas, justamente porque é um ambiente desconhecido e se desconhecido é porque não tem ou não faz sentido algum. A mitologia é geralmente identificada como uma forma muito comum de dar ordem ao caos de transformar esta realidade caótica em algo muito mais parecido com um Cosmos.

Um fato histórico muito conhecido e que ajuda a exemplificar de forma concreta esta busca do ser humano por dar ordem à realidade que considera como sendo caótica é o que Mircea Eliade (1992, p. 20) cita como um exemplo típico desta prática de busca por ordenar a realidade que é encontrada nos “ritos de bênçãos que os colonizadores portugueses e espanhóis” efetuavam ao tomar para si posse de terras nunca antes pisadas por brancos. É um ambiente totalmente novo e por isso mesmo estranho, mas é preciso que receba ordem e por isso a religiosidade tem presença marcante nestes eventos. É um procedimento que Eliade percebe desde as sociedades arcaicas, mas que perdura até o período das grandes descobertas das navegações por todo o mundo.

Aliás, segue este procedimento até nossos dias. Ao olharmos para o momento em que o homem pisou na lua e ouvirmos aquelas palavras poéticas de Neil Armstrong que ecoam até os nossos dias: “Este é um pequeno passo para um homem, mas um salto gigantesco para a humanidade”. Armstrong de fato não estava mentindo, no entanto, o que foi fincado em solo lunar, não foi uma bandeira das nações unidas, mas sim, uma bandeira norte-americana. Em outras palavras, a lua possui um dono muito bem delimitado e a cerimônia da bandeira é uma espécie de consagração do lugar que é literalmente alienígena, extraterrestre. Portanto, precisava de ser sagrado, ter sentido.

Sendo assim há de se concluir que o ser humano em sua essência está de fato “[...] destinado a transcender-se a si mesmo e ultrapassar o mundo visível e sensível” (SCHMITZ, 1984, p. 64). E ao longo da história é perceptível que por meio de artifícios como os citados anteriormente é capaz de obter êxito diante de tal busca pelo sentido de sua existência enquanto participa nesta realidade. A busca por essa transcendência que vai além da simples compreensão humana não pode ser entendida pura e simplesmente como uma fuga do homem de si mesmo, mas sim uma espécie de libertação do ser humano de si mesmo, de suas próprias limitações. Ao se libertar de tais grilhões pode partir para a compreensão de realidades, de coisas muito mais elevadas e que por sua vez ajudaram na mudança de sua própria realidade.

3 A RELIGIÃO NA ATUALIDADE

Diante de uma realidade cada vez mais globalizada, não só de economias e produtos, mas de culturas e mentalidades, o ser humano tem dificuldades de perceber este mundo como algo sagrado como o faziam seus antepassados. Até porque, com tantos avanços na ciência e na técnica fica meio difícil de acreditar que água benta irá tornar o solo mais fértil do que os atuais e altamente desenvolvidos fertilizantes, por exemplo.

Neste mundo existe não somente uma crença, mas inúmeras outras que cada uma a seu modo muito particular procura elaborar um discurso que leve seus fiéis a de fato se manterem fiéis aos seus preceitos sagrados. Assim nota-se que a pluralidade religiosa é uma realidade. Para Mircea Eliade (1992, p. 13):

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestação do sagrado; é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa se manifestar em pedras ou árvores, por exemplo.

Na verdade, essa dificuldade de perceber a sacralidade do mundo é apenas um dos fatores, apenas um pequeno reflexo de um mundo que possui mais de uma única verdade absoluta como em outras épocas. A pluralidade de valores éticos e morais são indefinidas e subjetivas. Não existe apenas um encontro econômico dos povos por via da globalização, existe também uma globalização das culturas que compõem este mundo e conseqüentemente um encontro entre as religiões consigo mesmas e umas com as outras, mas também um encontro das religiões com os problemas da humanidade¹.

Hoje com os avanços da ciência e da técnica, principalmente no campo das comunicações sociais, cada ser humano pode ter um home page na internet onde pode escrever a verdade sobre si mesmo, sobre outros e sobre o mundo. Todas as pessoas têm voz, vez e lugar. O movimento dos monastérios que abrigam todo o conhecimento da idade média acabou. Não existem mais bibliotecas como a de Alexandria. Não se faz mais necessário buscar conhecimentos atravessando grandes distâncias como faziam os filósofos sofistas na Grécia antiga². O conhecimento hoje está disponível

¹ A respeito dos efeitos da globalização para a sociedade de modo geral e principalmente referente às suas conseqüências para a religiosidade, bem como a influência dos meios de comunicação para o aceleramento desse processo, vale conferir o estudo do Frade Dominicano Carlos Josaphat intitulado **Ética e Mídia** – Liberdade, Responsabilidade e Sistema, publicado pela Editora Paulinas (2006). Mais precisamente no capítulo oitavo é abordado de forma muito interessante aspectos essenciais como: ética, mídia e o mundo atual.

² Sobre este polêmico assunto do campo filosófico existe uma série de releituras sobre estes tão criticados pensadores. Dentre elas destacamos o estudo do Professor Giovanni Casertano intitulado **Sofista** (2010), outra pesquisa de peso é a de Willian K. C. Guthrie denominada **Os Sofistas** (2007) ambas publicadas pela editora Paulus. E por fim o texto publicado pelas Edições Loyola (2003) de G. B. Kerferd **O Movimento Sofista**. Aliás, grande parte das críticas – ou melhor, dizendo – legado pejorativo se deve pela herança cultura nos deixada por Sócrates, Platão e Aristóteles e pelo simples fato de restarem apenas fragmentos dos textos originais destes assim denominados filósofos sofistas. Para uma fundamentação de ordem mais histórica do que propriamente filosófica o historiador Frederick Copleston também possui

de modo muito simples e assim que as pessoas ligam seus computadores podem obter conhecimentos desenvolvidos em todas as partes do globo.

Não se pretende questionar aqui os avanços da tecnologia, mas sim evidenciá-los como algo que tem seu impacto na sociedade, não pejorativamente, mas como algo positivo. Porém, é preciso destacar a necessidade de reflexão sobre a qualidade das programações do que é oferecida a população. Mas isso já é outra história.

A ideia é mostrar que para o ser humano contemporâneo, com tantos mecanismos de conhecimento ao seu dispor e ainda vivendo em um período de industrialização e de suas múltiplas atividades, torna-se muito complicado o homem se interiorizar, buscar o transcendente. As múltiplas informações tornam o homem um tanto cético, o que dificulta acreditar ou simplesmente entender que uma árvore, uma pedra não é somente isso que parecem ser para culturas totêmicas como os aborígenes australianos, por exemplo.

A própria cultura judaico-cristã com seu monoteísmo que prevaleceu na Europa durante dois milênios e foi espalhada para as colônias nas três Américas, na África, na Ásia e Oceania sempre teve muita dificuldade em compreender essa percepção de mundo. Portanto, o que existe é uma série de fatores históricos e religiosos que interferem diretamente no pensamento ocidental levando a essa dificuldade apontada por Mircea Eliade anteriormente citado. Um destes fatores certamente é o aspecto no qual estes saberes não atendiam as classificações pensadas durante milênios na Europa. Como não faziam parte da grade de saberes eurocêntricos, as epistemologias originárias dos povos nativos simplesmente eram tratadas como superstição de culturas primitivas.

No entanto, no pensamento moderno existe algo interessante criticamente falando sobre todas as coisas, pois isso não é exclusividade somente para a religião, haja visto o *Aufklärung*³ kantiano, por exemplo, existe uma constante necessidade de reflexão. Mas é um posicionamento crítico e reflexivo sobre todas as situações presentes na sociedade, levando as pessoas a estarem mais conscientes de suas escolhas enquanto cidadãos ativos. É a busca do homem pelo homem de esclarecer por via do uso reto da razão as respostas para suas inquietações nos mais variados campos de atuação humana, inclusive a religião.

No momento histórico em que a humanidade se encontra atualmente e que alguns pensadores como o Sociólogo Polonês Zygmunt Bauman identificam como Pós Modernidade a situação tem um

um estudo nesta mesma linha. Intitulado História de **La Filosofia I** - Grécia e Roma publicado pelo Editorial Ariel de Barcelona (1986).

³ A este respeito o filósofo Immanuel Kant tem uma publicação pertinente chamada **O que é o Aufklärung?** Kant nesta obra procura incentivar seus leitores na busca pelo esclarecimento de tudo que é oferecido pela sociedade como forma de melhor compreender a realidade e que as pessoas possam se tornar cada vez menos acomodadas diante de tudo o que surge na sociedade.

clima um pouco diferente. A reflexão profunda dos fatos deu lugar à tolerância. As pessoas passaram a perceber que existem fatos que simplesmente por mais que exista um esforço de busca e apreensão ainda assim existe algo que se nos escapa, existe um *mistério*.

Para Zygmunt Bauman (1998, p. 205), isso é um fato muito claro porque o pensamento Pós Moderno tem mais consciência das limitações que envolvem a busca incessante do encontro com o conhecimento:

O espírito Pós Moderno, mais tolerante (visto que mais consciente de sua própria fraqueza) do que seu antecessor e crítico moderno, está sensatamente consciente da tendência das definições a esconder tanto quanto revelam e mutilar, ofuscar enquanto aparentam esclarecer e desenredar. Ele também aceita o fato de que, com demasiada frequência, a experiência transborda das gaiolas verbais em que desejaríamos retê-la, de que há coisas sobre as quais devemos silenciar, uma vez que não podemos falar sobre elas, e de que o inefável é uma parte tão integral da maneira humana de estar no mundo quanto à rede lingüística que com que tentamos (em vão, e por acaso, embora não menos vigorosamente por essa razão) captá-lo.

Existe um modo distinto de se perceber o mundo que está para além da simples abstração humana e que merece respeito. Diante de um mundo em que a ausência de paradigmas é um fato ordinário é perfeitamente compreensível a ideia de silêncio perante algo que se nos escapa a compreensão. Como é a partir do que formular uma argumentação para definir algo? Torna-se complicado pelo simples fato da ausência de bases fundamentais.

Zygmunt Bauman ainda destaca que porque se vive em um período em que existem muitas incertezas pela ausência de bases universais, as pessoas necessitam de algo que lhes dê segurança. É sentida por de mais uma profunda falta de orientação para dar respostas a questionamentos que surgem dos problemas no dia a dia e as pessoas sedentas de direcionamento procuram a todo custo por quem possa lhes oferecer tais orientações.

Homens e mulheres em todo o mundo globalizado carecem de personalidades que através de suas técnicas sagradas possibilitem o contato com algo que está para além da razão humana, mas que garanta conforto e estabilidade emocional do poder fazer. É um período da história humana em que as pessoas carecem de auto-afirmação. Para Zygmunt Bauman, as pessoas não querem alguém que lhes ensine sobre a fraqueza humana, mas sim em especialistas sobre identidade:

Homens e mulheres assombrados pelo estilo de vida Pós Moderno não carecem de pregadores para lhes dizer da fraqueza do homem e da insuficiência dos recursos humanos. Eles precisam de reafirmação de que podem fazê-lo – e de um resumo de como fazê-lo.

Existe, portanto, uma mudança radical no estilo de perceber a função religiosa na atual conjuntura social. Por essa via é compreensível o fato do aumento de algumas igrejas em que mais parece uma verdadeira feira livre, um comércio com Deus, o aumento na publicação e venda de livros

referentes a temas como auto-ajuda e fica compreensivo também o porquê o slogan “Yes, we can – sim, nós podemos” do presidente norte-americano Obama pegou tão fortemente naquele país. Aliás, diga-se de passagem, a campanha do atual presidente norte americano foi um verdadeiro exemplo de mobilização social em prol do candidato.

Em uma era de extremos como a atualidade é percebido um crescente aumento de grupos extremistas, sejam eles liberais ou fundamentalistas. Nos dois casos é percebido um fato comum, o momento em que surgem. Sendo o presente um período conturbado de mudanças de paradigmas certos grupos tendem naturalmente a fecharem-se em si mesmos seja para voltar-se para aquilo que consideram como fundamental ou para abrir-se totalmente ao novo. Ambos os discursos nesses casos são notavelmente nocivos para toda e qualquer pessoa.

Zygmunt Bauman (1998, pg. 228) além de compreender que o fundamentalismo religioso tão presente e ao mesmo tempo criticado na atualidade é “filho legítimo da Pós Modernidade”, compreende também que existe uma sinceridade profunda nessa busca. As pessoas cansadas de viverem em um mundo sem norte procuram e encontram em líderes fundamentalistas respostas para as suas indagações e inquietações sobre o sentido para suas vidas. A moralidade das ações de tais grupos pode ser questionada, porém os parâmetros de vida legados a seus seguidores são legítimos. Existe quer queira quer não uma autenticidade na busca e outra na resposta. Assim “o fundamentalismo é o remédio radical contra esse veneno da sociedade de consumo conduzida pelo mercado e Pós Moderna [...]” (BAUMAN, 1998, p. 228).

Fica evidente, portanto, que a sociedade está em constante movimento de transformação. Mas isso ocorre porque a sociedade é composta de indivíduos que por si mesmos estão em movimento de mudança. O que é muito compreensivo visto que o humano é um ser de mudança e conseqüentemente tudo o que está ligado a ele como uma espécie de ferramenta no auxílio a compreender sua realidade também passará por mudanças.

Para o antropólogo Claude Lévi-Strauss (2012, p.57) o princípio da estrutura de funcionamento de uma sociedade é justamente seu destino para a mudança, às sociedades são feitas para mudarem. É totalmente impensável uma sociedade que não está em constante movimento. Diga-se de passagem, o fato de se estar em movimento demonstra o equilíbrio de uma sociedade ou pelo menos a sua tentativa.

Pensa-se as vezes que estar em equilíbrio é estar estagnado, parado. Na verdade, o sentido de equilíbrio é estar constantemente migrando de um pólo a outro com o intuito de encontrar as respostas certas, como se estivesse em uma corda bamba procurando o ponto certo para não cair. Mas isso é assunto para outro momento. Nesta perspectiva Davi Kopenawa (2015, p. 486-487) compreende a partir de sua cosmovisão algo muito interessante:

Contudo, muitos são os brancos que continuam ignorando nossas palavras. Mesmo que elas cheguem aos seus ouvidos, seu pensamento continua fechado. Seus filhos e netos talvez as escutem um dia. Então pensarão que são palavras de verdade, claras e direitas. Perceberão como é bela a floresta e entenderão que seus habitantes querem viver nela como seus ancestrais antes deles. Irão se dar conta do fato de que não foram os brancos que a criaram, nem ela nem seus habitantes, e que, uma vez destruídos, seus governos não poderão fazer com que voltem à existência. Se, por fim, os brancos ficassem mais sensatos, meu pensamento poderia recuperar a calma e a alegria. Eu diria a mim mesmo: “Que bom! Os brancos acabaram ganhando sabedoria. Eles começam a ter amizade pela floresta, pelos humanos e pelos xapiri”. Minhas viagens acabariam. Eu já teria passado tempo demais longe de casa a discursar para eles e a encher suas peles de papel com o desenho de minhas palavras. Passaria a visitar a terra dos brancos só de vez em quando. Diria então a meus amigos de lá: “Parem de me convidar tanto! Quero me tornar espírito e continuar estudando com os xapiri. Só quero adquirir mais conhecimento!”. Então eu me esconderia na floresta com os xamãs mais antigos, para beber o pó de yãkoana até ficar bem magro e esquecer a cidade.

A sabedoria indígena aqui presente abarca a maturidade de perceber que o ser humano está em fluxo contínuo de mudança. Revela-se assim o conceito de esperança em dias melhores em que as novas gerações perceberam e assimilaram esta sabedoria que vem da floresta. E este é um ponto de convergência importante em que as viagens de um missionário da floresta, se assim podemos dizer, se encerraram, porque a sabedoria enfim chegou às pessoas, despertando-as para amarem seus semelhantes e os espíritos e demais seres.

A vivência com os seres da floresta e com seus espíritos é, sobretudo, o mais importante para Davi Kopenawa. Porque é no contato com toda essa realidade peculiar que confere sentido espiritual e existência a sua vida e a das pessoas de sua comunidade. Considerar essa cosmovisão é indispensável para compreender que a vida para os Yanomami é bem mais do que somente o que os olhos podem ver. Tem muito haver com a existência profunda e regada de sabedoria e que somente aqueles que a buscam de fato podem encontrar na seriedade de suas buscas. Enquanto o dito povo civilizado não se organiza e toma medidas protetivas com relação ao ambiente em que vivemos, Davi Kopenawa terá que continuar sua peregrinação terrestre em busca de mudança de corações e mentes. Se a cultura ocidental caminha para uma auto afirmação de sua subjetividade, os povos originários vem por sua vez buscando seu protagonismo e a afirmação de seus próprios valores.

Neste processo é importante destacar que o essencial agora é o estudo sobre a conversão humana e as suas implicações na vida dos indivíduos.

4 O FENÔMENO DA CONVERSÃO

Mesmo em um período em que as pessoas possuem uma imensidão de paradigmas e não apenas um como em outros tempos, uma coisa chama a atenção, é o fenômeno da conversão. Lembrando que o termo conversão vem do latim que quer dizer justamente mudança.

Este fenômeno, se assim o podemos chamar, é encontrado principalmente no cristianismo, porém não é exclusividade sua. Grosso modo pode-se dizer que é o movimento de mudança de estágio intelectual, afetivo e espiritual de uma pessoa que se predispõe de modo sincero a encontrar o verdadeiro sentido de sua existência. E como no trânsito, ocorre uma mudança de direção, de sentido.

É importante destacar também que tal fenômeno é de cunho estritamente pessoal. Não é possível dizer que determinado grupo se converteu a determinada doutrina sem considerar cada ser humano em sua vivência particular de fé e conversão. Cada pessoa que se encontra naquele grupo foi tocada de uma maneira diferente, ou pelo menos sentiu de um jeito diferente quando as palavras-chave sagradas lhes foram ditas, se assim podemos dizer. Se a partir deste “toque divino” houve a formação de um grupo é porque houve similaridades, pontos em comum que levaram a todos a se unir. É absolutamente natural as pessoas se unirem por aquilo que lhes é comum.

Diante de um momento de crise em que tudo parece não mais fazer sentido, a pessoa humana que se depara com algo que lhe dá firmeza, segurança e certezas, das quais outrora não lhe faziam sentido em sua vida, é algo surpreendente, é como se houvesse um desvelamento de todas as coisas. Uma abertura de consciência se inicia e o ser acaba por perceber que sua forma de se manifestar na realidade pode ser de diversas outras formas ainda mais criativas.

Zygmunt Bauman ao tratar sobre o fundamentalismo religioso tem uma fala interessante a respeito do que podemos, ou melhor, do que se pretende dar a entender como motivo para a conversão. Segundo ele, “a pessoa sabe para onde olhar quando as decisões da vida devem ser tomadas, nas questões grandes e pequenas, e sabe que, olhando para ali, ela faz a coisa certa, sendo evitado, desse modo, o pavor de correr risco” (BAUMAN, 1998, p. 228). Como fora salientado anteriormente, na religiosidade, na palavra de seu líder as pessoas acabam por encontrarem paradigmas, bases para lançar seus argumentos e a partir de tais bases adquirem a possibilidade de cogitarem um norte para suas vidas.

E psicologicamente falando a religiosidade tem função de suma importância na vida das pessoas. Segundo Nelson Mafla Terán (2013, p. 439), “La religión es psicológicamente útil, en tanto sus promesas de recompensa eterna son necesarias para proporcionar soporte y cobijo al sujeto caído en desdicha”. Principalmente em momentos decisivos não só para o indivíduo particular, mas para todo um povo, como por exemplo, o que é descrito por Viktor Frankl em sua obra *Em Busca de Sentido*. Neste texto Frankl traz à tona sua experiência em um campo de concentração durante a primeira metade do século passado.

Diante de uma situação extrema de cárcere como a que Viktor Frankl vivenciou, os homens se questionam profundamente sobre seus valores e crenças procurando dar sentido novo a cada sucessão de eventos trágicos, tentando se adequar e tornar mais familiar o mundo de dor e terror em

que estão imersos. De certo modo podemos qualificar tal busca de sentido como algo de profundo caráter de conversão pessoal. Também se pode afirmar que a religiosidade e seu caráter de conversão inerente estão profundamente ligados ao contexto histórico que cada ser humano está inserido. Em um campo de concentração a religião ganha um sentido ainda mais profundo para cada ser.

O sentido de conversão é de fato algo que confere novo sentido à existência do ser. Basta pensar em grandes exemplos de pessoas que se converteram ao longo da história como Agostinho de Hipona, Francisco de Assis, Edith Stein, Paulo de Tarso e tantos outros que não necessariamente precisam estar inscritos no hall dos santos católicos, mas que fazem parte da gente comum e que seus nomes talvez nunca sejam lembrados.

Aliás, por falar em Paulo de Tarso⁴, e com certeza um dos mais conhecidos convertidos da História do Cristianismo. Sua história de vida está descrita em um dos livros mais editados e lidos no mundo, a Bíblia. No livro dos Atos dos Apóstolos (At. 9, 1-25) localizado no que se convencionou a chamar de Novo Testamento, encontra-se o relato da conversão deste homem que se tornou um ícone para o Cristianismo. E na opinião de especialistas como Pedro Vasconcellos e Pedro Paulo Funari (2013, p. 33) que analisam o aspecto da conversão de Paulo, “não há dúvida de que a experiência foi mística e profunda, e o momento decisivo dela terá ocorrido por volta do ano 35 d.C.” Pode-se perceber no percurso da leitura dos textos sagrados do cristianismo, como um homem douto nas leis judaicas torna-se perseguidor dos primeiros seguidores de Jesus e mais tarde acaba por se converter a doutrina que tanto perseguia. Uma história que tocou tantos corações – como, por exemplo, Santo Agostinho – durante tantos séculos não pode ser fundada apenas em fantasias, mas pode trazer em si uma conotação muito mais profunda do que os olhos podem apenas ver em contato com a Sagrada Escritura. Prova disso é que Paulo elevou o processo de evangelização há um novo patamar, e por isso mesmo é chamado também de Apóstolo dos Gentios, porque suas pregações não se dirigiam apenas as pessoas da região da Judéia, mas sim a todos os povos nas principais cidades não pertencentes à região (At. 13, 46).

Existe algo que está para além de meras explicações humanas. Do ponto de vista da intelectualidade Paulo de Tarso era um homem profundamente instruído nas leis judaicas. Como pode então um homem assim mudar de concepções religiosas e culturais? Que força era esta que Paulo presenciou no caminho para Damasco? Ou melhor, perguntando, que luz foi aquela vista por até então Saulo ou Saul (At. 9, 3-4) que depois deu origem ao que até nossos dias ficou conhecido como Paulo de Tarso? É um mistério que perdura até os nossos dias. Mas uma coisa é inegável e assim podemos

⁴Sobre este tema existe um importante estudo realizado pelos professores Pedro L. Vasconcellos e Pedro Paulo A. Funari chamado **Paulo de Tarso** Um Apóstolo para as Nações publicado pela editora Paulus (2013). Este estudo a quatro mãos tem como base os mais recentes dados arqueológicos, históricos e exegéticos referentes à vida de Paulo Apóstolo.

concordar com o historiador das religiões Mircea Eliade (1999, p. 12), ao estudar a manifestação da luz nas diversas religiões não europeias, segundo ele, “[...] todas as experiências de luz sobrenatural apresentam um denominador comum: quem passa por esse processo sofre uma mutação ontológica: adquire outro modo de ser, que lhe permite ter acesso ao mundo do espírito”. E mais adiante prossegue, “[...] o encontro com a luz indica um novo nascimento espiritual”.

A conversão não é privilégio somente dos grandes nomes aos quais é atribuído o caráter de santidade como Paulo de Tarso, por exemplo, muitas pessoas mesmo em um tempo em que assumir uma postura de valores é complicado, ainda assim diariamente se entregam a mudança de ideais e principalmente de religiosidade etc. Toda pessoa que se sente em estado de confusão ou como alguns místicos definiram como trevas, escuridão, deserto ou *noite escura*⁵ procuram por novas alternativas para acalmar o coração. E porque não permanecer nas trevas? Porque nas trevas nada se pode entender, ver direito, tudo é indefinido e passível de periculosidade. Carlo Maria Martini (2013, p. 7) se questiona a este respeito “Porque a escuridão nos causa medo? Porque no escuro existe confusão, não se sabe para onde ir, não se vê quem está ao nosso redor e parece que estamos sozinhos... Parece que ninguém pode nos ajudar. E isso assusta”.

Mesmo pessoas que se consideram altamente racionais não estão livres de se sentirem “acuadas” perante o desconhecido e assim procuram mudar seus ideais, suas formas de perceber e interpretar o mundo. Platão, por exemplo, em sua célebre obra intitulada *A República* alerta as pessoas através do Mito da Caverna⁶ – ou se preferir como em algumas traduções é proposto Alegoria da Caverna – sobre os riscos de permanecer na escuridão do pensamento e não refletir seriamente sobre as coisas e a vida. Mas quando, aquele que busca se libertar seriamente dos grilhões do comodismo intelectual encontra a verdadeira luz, encontra também o verdadeiro sentido das coisas e da vida, tudo muda e ganha cor. Contudo, esta busca pela verdade colorida das coisas apresentada pelo filósofo grego traz à tona a responsabilidade de arcar com as consequências perante aqueles que ainda não se abriram para novas possibilidades intelectuais.

Contudo a preocupação a que se dedica o presente artigo está voltada mais para o campo da fé e de como as pessoas acabam encontrado na religião o sentido para suas respectivas existências, já

⁵ Talvez o exemplo histórico de maior força seja justamente no poema do Frei Carmelita espanhol e Místico Católico João da Cruz intitulado **Canções da Alma**. Em seu primeiro verso se encontra Em uma noite escura. Segundo se conta, este escrito influenciou profundamente personalidades mundiais como o Papa João Paulo II e a Madre Tereza de Calcutá. Foi publicado no Brasil pela Editora Vozes (2002) juntamente com os demais escritos de João da Cruz no que ficou conhecido como as Obras Completas. Ainda sobre este tema vale conferir outra obra chamada **O Amor Não Cansa Nem se Cansa**, também de São João da Cruz e publicada no Brasil pela editora Paulus (2014).

⁶ **O Mito da Caverna** de Platão é também conhecido em algumas traduções como a Alegoria da Caverna. Encontra-se no princípio do Livro VII da obra **A República** de autoria do já mencionado filósofo. Na tradução do ano de 2000 de Carlos Alberto Nunes pela EDUFRA (Editora da Universidade Federal do Pará) e utilizada na composição desta monografia, o Livro VII está precisamente localizado na página 319.

que a religiosidade, este contato íntimo com o sagrado possibilita ao ser finito encontrar respostas para questionamentos que se faz desde tempos imemoriais. Questionamentos clássicos, diga-se de passagem, tais como: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? E etc. É preciso acima de tudo compreender a própria história com a finalidade de compreender qual é a identidade subjetiva de cada sujeito. Os povos indígenas brasileiros contemporâneos através da força de sua literatura vêm justamente buscando dar um novo sentido histórico para suas existências. E neste processo é de suma importância a autoafirmação dessa subjetividade que durante séculos foi ocultada e negligenciada:

Eu sou Kaká Werá Jecupé. Um txukarramãe. Um guerreiro sem armas. Nós, das nações indígenas, somos os guardiães da Terra. Anos atrás, minha tribo foi dizimada por seres em busca de ouro e território. Restou eu e minha avó. E durante todo esse tempo tem havido em muitos lugares do país gestos iguais a esse. E mesmo além de meu povo, além desses tempos, muitos outros foram dizimados. Se nós fossemos responder com a mesma ignorância, a Terra não existiria mais. Os chamados conquistadores exterminaram os incas, escravizaram negros e produziram holocaustos. A Grande Mãe recebe vossos atos diretamente no ventre, e nunca deixou de gerar recursos: seja para o prédio que a civilização constrói, a tecnologia que fabrica, ou a oca que nós fazemos. A Grande Mãe sente a civilização pisando sobre ela. Um índio não pisa na terra. Um índio toca a terra. Um índio dança sobre o chão agradecendo sobre todos os seres da terra, da água, do ar e do fogo. Um txukarramãe faz a dança da vida unindo o pé do real e o pé do sonho na mesma direção, no caminho do sol. Para um txukarramãe, as más pegadas, uma vez feitas, não são más pegadas, quando deixam vestígios, deixam lições. As boas, norteiam. A sociedade chamada civilizada se acha tão inteligente e repete milenarmente seus piores passos, suas piores danças. Chega de ignorância! Chega de holocaustos! Chega de massacres! (JECUPÉ, 2002, p. 78-79).

Essa auto afirmação de Kaká Werá Jecupé aponta para uma outra perspectiva da vida, de si mesmo, da história, o que é muito importante para um descentramento epistêmico, ético e ontológico.

Somente por via de um encontro sincero entre o que busca e o que se deixa encontrar é que de fato pode vir a existir o que se convencionou a chamar de fenômeno da conversão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término da presente pesquisa ficou evidente a importância que a religiosidade teve ao longo do tempo e que continuará tendo para a espécie humana. Suas influências foram determinantes para moldar o caráter dos seres humanos por incontáveis gerações. Mesmo em tempos de incertezas a religião favoreceu os seres humanos com parâmetros que serviram como bases para a reestruturação social mediante crises sejam de cunho econômico ou intelectual e cultural. Sendo assim em uma época como a atual não poderia ser diferente e por este fator mesmo que possivelmente se explica a expansão e surgimento de novas identidades religiosas por todo o mundo e principalmente no Brasil.

Não podemos nos esquecer de que nos últimos, sobretudo, em nosso país a religiosidade ganhou contornos de militarização da fé. É preciso considerar a necessidade de se voltar às fontes da

religiosidade e buscar detectar se de fato a humanidade caminha nas trilhas do amor e da justiça, ou caminha a passos largos e distorcidos.

A poética literária indígena brasileira contemporânea especialmente na obra *A Queda do Céu - Palavras de um Xamã Yanomami* de Davi Kopenawa e Bruce Albert, tem desempenhado um importante papel como forma de identificar fatores que asseguram e legitimam a resistência às mudanças nocivas para os povos originários bem como a perpetuação de suas epistemologias.

A análise da obra de produção epistêmica de Davi Kopenawa é importante também pelo fato de possibilitar ao leitor o contato com uma espiritualidade ancestral e suas raízes espirituais que além de promover uma experiência com o sagrado autêntico e original permite também a absorção de novos valores. Nota-se nos escritos dos autores indígenas brasileiros contemporâneos, como é o caso de Davi Kopenawa, a sempre presente passagem da sabedoria ancestral proveniente de tempos imemoriais que comunica uma harmonia cósmica da criação em estreita conexão com a apropriação da língua oficial escrita.

A transição da palavra falada para a palavra escrita repercute na possibilidade do compartilhamento de cosmovisões e transferência de valores para além de suas próprias fronteiras epistêmicas e poéticas naturais favorecendo a difusão e fixação de saberes por intermédio da escrita. A transcrição destes ensinamentos para a linguagem ocidentalizada revela uma escrita marcada pela voz-práxis autoral que essencialmente é comprometida com a realidade numa perspectiva militante e com ativa voz política em defesa da cultura dos povos originários e da proteção da natureza. Na produção textual Davi Kopenawa percebe-se que está marcada não somente pela espiritualidade latente de sua cultura, seu engajamento político, mas existem também as marcas de um compromisso ético com a vida em toda a sua extensão. Diferentemente da cisão operada pela modernidade entre ser humano e natureza, a produção textual de Davi Kopenawa chama a atenção para o aspecto de união estreita entre ser humano e as demais realidades presentes na ambiência cósmica em que se está inserido.

A Queda do Céu mais do que uma produção literária é a fonte de onde brota a possibilidade de uma reflexão filosófica por via de um descentramento epistêmico autêntico e que reclama para si a autonomia e protagonismo enquanto voz-práxis. Pensar filosofia indígena neste contexto é pensar a partir de conceituações próprias presentes nas narrativas produzidas por autores indígenas, como é o caso de Davi Kopenawa. O fenômeno dessas vozes da ancestralidade tem despertado ressonâncias em vários campos do conhecimento, sobretudo na educação e filosofia, por ser justamente o fio condutor que remete a uma busca por sabedoria que difere do consagrado modelo metódico ocidental.

Estes ensinamentos presentes na dialética da tradição oral dos povos indígenas, e aqui dá-se destaque ao povo Yanomami, encontram agora espaço fértil para seu fortalecimento, atualização e

perpetuação de sua produção de conhecimento via uma poética que vai além das entrelinhas e que conduz para um engajamento social decolonizador visando transformações sociais em prol dos povos originários e sua subsistência. Fica explícita uma realidade que transcende a mera crítica social mas que permite um aprofundamento das questões indígenas e mesmo sobre a compreensão referente aos aspectos éticos, políticos e religiosos na contemporaneidade. O que é fundamental para ampliar a percepção para o reconhecimento de saberes outros e maneiras próprias de se compreender o mundo a partir de outras epistemologias que fogem dos padrões ditados pela modernidade e seus métodos científicos.

Sendo a atual conjuntura social, predominantemente constituídos de meios de comunicação altamente tecnológicos e desenvolvidos às questões de fé são diariamente questionadas sobre sua validade mediante a não possibilidade de demonstração empírica. No entanto, uma notável face de crescimento é sentida por toda a sociedade e questionamentos como: Como é possível em um tempo como o nosso a religiosidade ainda subsistir? Na verdade, esse tipo de questionamento é respondido pelo fato de que o ser humano mesmo imerso em uma pluralidade de paradigmas ainda assim sente necessidade intrínseca ao seu ser de possuir um fator que lhe garanta um ponto de partida, uma base para seu desenvolvimento. E a religião em sua ação sempre de contínua presença neste mundo possui os requisitos necessários para se tornar a predileta das pessoas para encontrar o seu ponto inicial.

Ao passo que o ser humano se demonstra disposto a esta ação que para muitos é vista como libertadora torna-se o ser aberto para uma mudança radical em suas vidas e a isso foi identificado no presente artigo como o fenômeno da conversão. Vale lembrar que não existe apenas uma mudança de sentimento religioso, mas de uma mudança que de fato é ontológica, uma conversão do ser em sua totalidade. É importante destacar também que tal mudança não escolhe hora e nem lugar para acontecer, não existe uma idade certa para que o ser existente nessa realidade tome consciência de seus atos e procure uma abertura para outras possibilidades. E citando exemplos históricos pode-se destacar casos como Agostinho de Hipona que teve sua conversão aos quarenta anos de idade ou ainda como Jeremias que no antigo testamento foi chamado ainda em sonho sendo apenas um pobre menino.

Enfim, independente de qual for a denominação religiosa, ela sempre estará permeada pelo *mysterium fidei* (mistério da fé) e será sempre fonte para se colher nobres frutos de encontros com a divindade que só tendem a transformar a vida do ser humano em um ser inteiro, autêntico e virtuoso.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- COPELSTON, Frederick. Historia de La Filosofia I - Grécia e Roma. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 1986.
- CRUZ, São João Da. O Amor Não Cansa Nem se Cansa. São Paulo: Paulus, 2014.
- CRUZ, São João Da. Obras Completas. 7º ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ELIADE, Mircea. Mefistófeles e o Andrógino – Comportamentos Religiosos e Valores Espirituais Não-Europeus. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANKL. Viktor E. Em Busca de Sentido – Um Psicólogo no Campo de Concentração. 33º ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- JECUPÉ, Kaka Werá. Oré Awé Roiru’A Ma - Todas as vezes que dissemos adeus. São Paulo: TRIOM, 2002.
- JOSAPHAT, Frei Carlos. Ética e Mídia – Liberdade, Responsabilidade e Sistema. São Paulo: Paulinas, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A Antropologia Diante Dos Problemas Do Mundo Moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GUTHRIE, William Keith Chambers. Os Sofistas. 2º ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- KERFERD, G. B. O Movimento Sofista. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARTINI, Carlo Maria. Quem é Jesus?. São Paulo: Ave-Maria, 2013.
- PLATÃO. A República. tradução de Carlos Alberto Nunes. 3º ed. Belém: EDUFRA, 2000.
- SCHMITZ, Egídio F. O Homem e sua Educação – Fundamentos de Filosofia da Educação. Porto Alegre: Sagra 1984.
- VASCONCELLOS. Pedro L. & FUNARI, Pedro Paulo A. Paulo de Tarso – Um Apóstolo para as Nações. São Paulo: Paulus, 2013.
- AGOSTINHO. Confissões in Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida Líquida. 2º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CITELLI, Adilson. Linguagem e Persuasão. 12º ed. São Paulo: Ática, 1998.

ELLIOTT, Neil. Libertado Paulo – A Justiça de Deus e a Política do Apóstolo. São Paulo: Paulus, 1997.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KÜNG, Hans. A Igreja tem Salvação? São Paulo: Paulus, 2012.

KÜNG, Hans. Teologia a Caminho – Fundamentação para o Diálogo Ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999.

MANCUSO, Vito. Eu e Deus – Um Guia para os Perplexos. São Paulo: Paulinas, 2014.

MAY, Rollo. Liberdade e Destino. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MERTON, Thomas. A Montanha dos Sete Patamares. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MORIN, Edgar. Cultura de Massas do Século XX – O Espírito do Tempo – 1 Neurose. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

MORIN, Edgar. O Método 6 – Ética. 4º ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FERNANDES, Nayã & RICCIUTO, Sergio. A Fiel Perplexidade da Fé. Família Cristã, São Paulo, v. 80, n. 940, p. 09-11, abril 2014.

TERÁN, Nelson Mafla. Función de la Religión en la vida de las Personas según la Psicología de la Religión. Teología Xaveriana, Colombia: Bogotá, v. 63, n. 176, p. 429-459, Julio & Diciembre 2013.